

# Breves notas sobre o meu reencontro com a Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido nas obras do lindo Paulo Freire

Cícero Ferreira de Albuquerque<sup>1</sup>

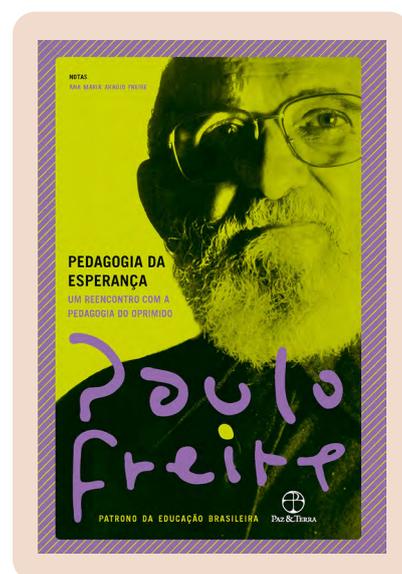
## 1 Um olhar para dentro e outro para fora

Em tempos de pandemia, nos quais há mais de um ano o mundo vive dias de dor, morte e desespero, volto a Paulo Freire para um encontro com Pedagogia da Esperança (PE), publicado em 1992, adquirido e lido por mim em 1995. Esse reencontro ativa profundamente as minhas memórias, diz muito do que vivi nas últimas três décadas, mas também me faz olhar para a nossa trajetória como país, para o que aconteceu com a nossa sociedade, com a América Latina e com o mundo.

Reler Pedagogia da Esperança no contexto atual do Brasil tem muitos significados. O país vive um grave retrocesso social, econômico e político. Vivemos tempos de terraplanismo, de eleição de Bolsonaro, de ascensão do bolsonarismo, de elevação de Olavo de Carvalho a guru de um bando de malfazejos fascistoides que, entre outros males, combatem Paulo Freire e tocam um falso debate de escola sem partido. Na contramão de tudo isso, resistimos e, este ano, extraordinariamente, celebramos os 60 anos do MEB e o centenário de Paulo Freire.

A memória me diz que as minhas primeiras leituras e estudos de Paulo Freire datam dos anos 1980. Como jovem de classe popular, detentor de poucos recursos financeiros, meus primeiros acessos à obra de Freire foram por meio de cópias e livros tomados em empréstimo com amigos que sempre falavam em dois Vês — “vai e volta”. Isso acontecia não porque eles fossem mesquinhos ou eu não merecesse confiança, mas pelo caráter de preciosidade que tinham entre nós as obras de Freire. Graças a essas leituras e aos diálogos com alguns companheiros de profissão, Paulo Freire entrou na minha vida e passou a ser uma presença muito importante na minha experiência de educador. Por meio desse encontro, os meus acertos — não tenho dúvidas — foram maiores do que os erros, nesses 33 anos de vida profissional, de militância política e de educador popular.

Eu era um jovem militante do movimento estudantil (Grêmio Estudantil), integrava o Grupo de Jovens São João Batista (reunião de jovens da Igreja Católica) e começava também a minha militância partidária (Partido dos Trabalhadores – PT). Em seguida, no início da década de 1990, além do Grupo de Jovens e do partido, militei na Associação de Moradores do Bairro José



“

**Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.”**

(Paulo Freire)

1. Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em História, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Educador Popular com atuação em diversas organizações sociais. Membro do Comitê Popular em Defesa de Atalaia. Militante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Paulino, organizando lutas por serviços públicos fundamentais como energia elétrica, água, saneamento básico, calçamento e outros. Aqui vivi os meus primeiros enfrentamentos com os donos do poder local e passei a ser socialmente marcado como “subversivo”, expressão comumente utilizada pelas classes dominantes da época para punir e estigmatizar as lideranças dos setores populares.

Em 3 de outubro de 1988, no mesmo ano que comecei a minha graduação em História, iniciei a minha vida profissional como professor. Apesar do salário ser baixo, pude comprar alguns livros de Paulo Freire e outros. O curso, a militância e a profissionalização exigiam aprimoramento intelectual. Outros companheiros de Grupo de Jovens e de partido estavam na mesma perspectiva. Formamos um grupo de estudos, lemos e discutimos Paulo Freire e outros. Nessa época, o Movimento de Educação de Base – MEB entrou em nossas vidas. No final dos anos 1980 e início da década de 1990, passamos a ser assessorados pela equipe do MEB, em Maceió.

No começo, por cerca de um ano, como membro da associação e do grupo de jovens, fui assessorado pelo MEB. Em seguida, fui convidado a fazer parte da equipe do MEB e, de assessorado, passei a assessor. A partir de então, com melhores condições financeiras, tive mais acesso à obra de Paulo Freire, podendo inclusive adquirir mais livros. Nesse momento, tive também a oportunidade de ressignificar a minha relação com ele: era como se Paulo Freire falasse permanentemente aos meus ouvidos. Eu precisava disso para viver coerentemente as minhas duas — e complementares — identidades: professor de educação formal e educador popular no difícil exercício, então, de assessor de diversos grupos. Abria-se um novo caminho e, com ele, a exigência de um outro jeito de caminhar. Esse foi um período muito rico da minha vida pessoal e profissional.

Hoje, muitos anos depois, encontro-me professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ministro as disciplinas sociologia rural, cooperativismo, associativismo e economia solidária, movimentos sociais e extensão rural para os cursos de agroecologia, medicina veterinária, agronomia e zootecnia. Paulo Freire continua presente o tempo todo nas minhas buscas de diálogo, no meu compromisso com uma educação transformadora, com o ensino público, com a universidade pública, com um país justo e uma sociedade fraterna.

Paulo Freire foi determinante para que eu estivesse permanentemente atento e para evitar que se desse dentro de mim e na minha prática algum hiato entre o professor da educação formal e o educador popular. Hoje, 33 anos depois do meu início como professor na Escola Nossa Senhora das Brotas, em Atalaia, Alagoas, e da minha vida como professor, pesquisador e extensionista na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Freire é um companheiro constante. Quando entro em contradição — e quem é que não tem as suas —, me lembro dele, busco os seus conselhos e procuro refazer os passos fora da linha.

Reler *Pedagogia da Esperança* vinte e seis anos depois foi uma grande experiência. Refiz a minha caminhada, fiz o caminho de volta cheio de saudades, revisei a minha própria memória. Reli a obra com outros olhos. Entre a primeira leitura e a atual há muita história na minha vida, na vida do país, e tenho procurado por todos esses anos auscultar o coração do meu povo. Vi também quão inquietado estava Paulo Freire ao visitar *Pedagogia do Oprimido*, vinte e quatro anos depois de sua publicação. Que privilégio é ler um livro cujo conteúdo central é a releitura que um autor do porte de Freire faz da sua obra mais popular, aquela que o projetou para o mundo e lhe deu a oportunidade de, em diferentes momentos e lugares, apresentá-la e discuti-la com sujeitos diversos.

Pré-requisito para o ingresso em PE é atestar que esta tem título e subtítulo, assim composto: “*Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*”. Um subtítulo nunca foi um detalhe, ainda mais em um autor da envergadura de Paulo Freire.

Penso que igualmente válido é voltar o olhar para o Brasil e para a América Latina da década de 1990. Freire escreveu um contexto de ascenso neoliberal no Brasil e na América Latina, mas não tinha dúvida sobre os limites e malefícios daquele discurso/prática, e nos diz: “Os discursos neoliberais, cheios de ‘modernidade’, não têm força suficiente para acabar com as classes sociais e decretar a inexistência de interesses diferentes entre elas, bem como não têm força para acabar com os conflitos e a luta entre elas”. Igualmente importante é registrar que, em todo o continente, as forças populares estavam embaladas, denunciavam as mazelas neoliberais enquanto expressão cruel de um capitalismo selvagem e apresentavam alternativas capazes de incluir as classes populares nos projetos de desenvolvimento social.

## 2 Paulo Freire – o principal intelectual público da história do Brasil

Sem maiores delongas, porque não é esse o objetivo dessas linhas, esclareço que uso aqui a expressão “intelectual público” para dizer que Paulo Freire esteve sempre empenhado em produzir teorias que fossem factíveis e favorecedoras de transformações sociais, políticas e culturais. Buscou, com o seu trabalho, contribuir para transformações radicais do mundo, atuando para que estas estivessem a serviço das classes oprimidas e fossem por elas protagonizadas. Digo ainda que ele se jogou de corpo e alma nessa tarefa teórico-prática até os últimos momentos de sua vida, e que é reconhecido pelo seu trabalho e compromisso ético-político não apenas por nós brasileiros, mas também por milhões de pessoas em todo o mundo.

Sem ambições, mas movido por muitos sonhos — antes de tudo, sonhos coletivos, entre tantas obras e memórias geradas em milhões de pessoas —, Paulo Freire fez algo de que talvez ele próprio não tenha se dado conta: criou um verbo, um verbo que habita corações de milhões de freirianos e corre no ar desse país — o verbo “esperançar”!

Freire foi mais do que o homem que criou um verbo; ele entrou para a história como alguém que acreditou tenazmente no futuro e nas classes populares. E fez isso a partir da sua própria humanidade, de suas certezas e dúvidas, de suas forças e fragilidades. Em Pedagogia da Esperança, essa humanidade aflora de forma muito sincera. Freire confessa que vivera momentos de mal-estar, angústia, pessimismo e depressão. O que essa declaração significa hoje, tempo de tantas dores, mortes e adoecimentos? Significa declaração de humanidade. Isso nos aproxima imensamente de Paulo Freire, isso o aproxima de nós. Desmistificamos. Paulo não era um super-humano. Era alguém como nós, que sofremos com as dificuldades e que até nos desesperamos algumas vezes diante da realidade. Além disso, o que podemos aprender com tais revelações de Paulo? Aprendemos como ele reelaborou as suas angústias e desesperanças, aprendemos como ele canalizou essas energias negativas e fez delas ponto de partida para a sua cura, para a sua intervenção no mundo e para um fazer educativo mais consequente — porque ética e rigorosamente construído, porque comprometido com as causas dos oprimidos e fecundamente esperançoso.

Em Freire, o enfrentamento das dificuldades passou pela compreensão-reconhecimento de si, pela educação-conhecimento dos seus sentimentos. E não estamos diante de uma simples racionalização do mundo! O caminho sempre — ainda que não tábuas de salvação — é a educação: “educar a esperança”, “educar a saudade”. Educação como uma aposta, atividade potencializadora e “sulear”! Aqui, cabe um parêntese. Há em Pedagogia da Esperança uma nota sobre o uso da expressão sulear. A partir da problematização realizada por Márcio Campos, essa passagem é uma pérola! Busquem!

Toda leitura de Freire é a leitura de um testemunho, da reflexão de uma prática educativa embalada não só por uma diretriz teórica, mas, também, e complementarmente, por um compromisso profundo com o educando, por um respeito imenso aos seus saberes e por um comprometimento de sua promoção. Assim, não há educação sem sujeitos críticos e ativos, não há unilateralidade de saber e não há educação progressista sem projeto de mudança. Nessa esteira, nos ensina Freire que a esperança é componente essencial, mas que não basta tê-la, que ela não é tudo. É preciso combiná-la com processos de luta por transformação social. Sem engajamento, ela descamba para o idealismo.

Tudo isso nos põe diante do importante debate sobre o ato de ensinar como um “ato criador, um ato crítico e não mecânico”. Hoje, a mecânica amplificada nas redes sociais de compartilhar automaticamente certos conteúdos nada mais é do que a reprodução daquilo que durante séculos tem ocorrido nas salas de aula de todos os níveis e, infelizmente, nas práticas de algumas lideranças populares.

Bem aprendemos com Freire que o ato de ensinar envolve sujeitos críticos e exige posturas metodológica e politicamente coerentes. Educadores e lideranças são permanentemente chamados a ter coerência entre o discurso democrático que muitas vezes pronunciam e suas práticas. Assim sendo, o perigo que Paulo Freire representou nos anos de 1960 no Brasil dominado por uma ditadura civil-militar, a ponto de ter sido obrigado ao exílio, é o mesmo que representa hoje para os aspirantes de ditadura: a educação libertadora advogada por Paulo Freire, porque se coloca ao lado e a serviço das causas e das lutas populares, é uma ameaça às injustiças, às intolerâncias e ao poder arbitrário. A educação que não pode tudo em Freire é a mesma que pode muito e propõe a construção de uma

prática educativa que fere os interesses das classes dominantes.

Freire teve sempre uma confiança revolucionária no povo, no seu saber e na sua possibilidade de ser mais. O ponto central dessa confiança é a constatação ontológica do poder da classe trabalhadora. Por que a classe trabalhadora, produtora de riquezas, não tem a posse do fruto do seu trabalho? Como superar as condições objetivas e subjetivas de alienação social? De forma subjacente, Freire buscou respostas para essas questões essenciais na sociedade capitalista. Na proposta de uma prática educativa libertadora, encontram-se questões fundamentais de abordagem dialética do mundo, de construção de conhecimento e de transformação social como partes inseparáveis de um mesmo processo.

A esperança de Freire no ser humano e na educação como instrumento de transformação social foi um valor que fez parte do seu cotidiano enquanto educador. A clareza de inacabamento, de avaliação e de aperfeiçoamento de sua prática educativa estiveram sempre presentes e em oposição reta a qualquer ideia de fatalismo histórico de libertação como “doação da história”. A nova sociedade ou é construída pelas classes oprimidas e seus aliados ou não virá. Quando vier, porém, será como aquela planta que uma vez plantada tem de ser regada diariamente ou enfeia e morre, a despeito de todo potencial de vir a ser que tenha em si.

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire nos alertava o tempo todo para o dever democrático e ético de respeitar o saber popular e de saber se comunicar com as classes populares, tendo sempre o compromisso de contribuir para a sua maior e melhor compreensão do mundo, sem, com isso, estabelecer relações de hierarquia entre os saberes acadêmicos e populares, por exemplo. Há relatos e muitas memórias apresentados no livro. Destaco aqui o relato que ele faz de uma conversa com um operário espanhol, ocorrido na Alemanha. Dizia o operário da estratégia que usara, junto com alguns colegas, de se infiltrar em jogos de carta para chegar e viabilizar cursos de formação política com outros operários, isso após terem vivido a experiência frustrada de apresentar um programa vertical de formação. O relato me fez recordar uma experiência riquíssima da qual fiz parte, primeiro como educan-

do — alguém da base de trabalho do MEB – Maceió, no início da década de 1990 —, e depois como membro da equipe — fato já relatado acima.

O processo que vou relatar tem um ponto de partida diferente do que relatara Paulo Freire, mas vem para problematizar temas como definição de conteúdos, saber e busca de conhecimento, papel do educador e do educando. Lembro que, no início dos trabalhos no Vale do Paraíba alagoano, região que envolvia os municípios de Pilar, Atalaia, Cajueiro e Viçosa, a equipe MEB reuniu lideranças dos principais grupos envolvidos inicialmente na proposta de trabalho e montou, conforme as demandas apresentadas por elas, um programa de formação bienal. Tudo lindo. O programa envolvia fundamentalmente o estudo dos modos de produção e uma série de temas secundários relacionados com as conformações da sociedade capitalista. E assim foi durante um bom tempo.

Aparentemente ia tudo muito bem, até que a equipe de assessoria do MEB tomou a decisão de problematizar-interromper o programa e questionar as lideranças sobre como aquela proposta ajudava os grupos nos seus desafios cotidianos. Esse foi um dos momentos mais ricos que vivi na minha experiência de educando e educador; passei a fazer parte da equipe quando esse debate já estava instalado. Eu mesmo precisei ser conven-

cido de que a interrupção não era um ato autoritário e arbitrário, desrespeitador, portanto, daquilo que fora pactuado em comum.

Foi tudo muito tenso. Se por um lado, coerente como nos diz Paulo Freire, “numa perspectiva progressista, a educação popular não pode [...] reduzir-se ao puro treinamento técnico de que grupos de trabalhadores realmente precisam”, por outro, o debate político que reclamávamos (digo assim porque ajudei a montar aquela proposta inicial ainda como educando) foi se revelando oca, deslocada dos desafios concretos que os grupos enfrentavam. Resumindo o exemplo, depois de muitos encontros que ajudaram a vencer algumas resistências, surgiu uma nova proposta de intervenção da equipe MEB. O primeiro evento de virada foi um encontro sobre planejamento participativo (a minha primeira grande tarefa como membro da equipe do MEB foi escrever o relatório desse encontro, documento que ainda hoje guardo com grande carinho). Desse

***A ignorância é um projeto político. O combate a ela é outro projeto político.***

dia em diante, formação entre nós passou a ter outro significado: visava atender às demandas concretas do cotidiano dos grupos e da realidade na qual as lideranças estavam inseridas.

Nessa nova fase, toda conspiração para mudar o mundo era permitida e válida, mas havia a exigência de que elas fossem feitas a partir de um local concreto, desde que as lideranças soubessem lidar com as manifestações imediatas das injustiças e opressões estruturais. Local e global não são polos com natureza antagônica, mas podem vir a ser, se entre eles não forem construídas pontes de mão dupla. Essa construção envolve educandos e educadores cujos papéis são diferentes e complementares.

Outro passo fundamental dessa experiência foi que, por mais trabalho que isso desse, os encontros de formação deixaram de ser com grupos seletos de representantes e passaram a ser com o conjunto das lideranças dos grupos assessorados. Por que isso? Porque nos debates, especialmente num grupo de jovens do município do Pilar, foi constatado que o programa de formação com as lideranças favorecia o surgimento do que eles já chamavam de uma “nata” dentro do grupo e, de forma mais apurada, identificaram até a existência de “uma nata da nata”. Tal processo de verticalização, que passara a existir a partir do momento que alguns estavam “mais conhecedores do que outros”, foi interrompido e o mal parcialmente corrigido.

### 3 As universidades precisam conhecer Paulo Freire

Nesse meu reencontro com Freire em Pedagogia da Esperança, ganhei o reforço das minhas reflexões sobre o meu lugar hoje na universidade e, especialmente, sobre o que penso e faço nas atividades de extensão a que me dedico. Sou um extensionista. Dou aula de extensão e coordeno projetos de extensão. Sinto-me imensamente privilegiado por ser membro de uma instituição que tem no seu *mister* as atividades de extensão. Todos nós professores de instituições de ensino superior assumimos quatro compromissos no ato do concurso: desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão (em tese, ninguém entra na universidade sem assumir tais compromissos).

Nas atividades de extensão, mais do que em qualquer outro momento, o educador popular, o mebiano que existe em mim, fala alto e é feliz. Ocorre que a

extensão é a prima pobre da universidade; o extensionista é quase sempre um desprestigiado academicamente (isso acontece porque a nossa universidade é, em sua maioria, elitista e arrogante). Sem erro, poucos são os que leram Paulo Freire (adiante lhes relatarei um fato que ilustra o que digo aqui). Primoroso é o relato que Freire faz do seu encontro com reitores e outros educadores, em 1973, na Argentina, e sobre o lugar da extensão na universidade. As poucas páginas dedicadas ao tema, já tratado em *Extensão ou Comunicação* (livro publicado pela primeira vez em 1969 — portanto, escrito no contexto de sua experiência no Chile), vão adiante do que outrora fora dito. Freire encontra na Argentina, e relata, naquele momento, um ambiente acadêmico aberto, inquieto, que busca respostas para as questões políticas e epistemológicas que envolviam (e entre nós ainda hoje envolvem) a relação saber popular, senso comum e conhecimento científico. Nas atividades de extensão, os desafios que envolvem essa relação são muito acentuados. Não é possível, consequentemente, fazer extensão bem-feita sem tratar desses temas. Quase sempre os saberes populares são vistos como inferiores pelos acadêmicos, professores e alunos. E quase sempre são recebidos com desconfiança pelos setores populares. Basilar para que essa relação dê certo é, por exemplo, compreender que o senso comum é uma forma de conhecimento, ocorrendo numa experiência de extensão o encontro de diferentes tipos de saberes. Sem isso, mesmo educadores comprometidos com projetos de transformação social, de ambos os lados, promoverão — quando promoverem, se promoverem — encontros infecundos e reprodutores de relações verticais e preconceituosas, o que é pior. Muros imensos separam a universidade da sociedade e especialmente dos setores populares. E muros imensos também separam os setores populares da universidade.

A universidade precisa conhecer mais Paulo Freire e refletir sobre as suas preocupações éticas, políticas e epistemológicas. A impressão que tenho é que muitos pensam que ele teorizou apenas sobre os processos de alfabetização de jovens e adultos e, a dizer, para a universidade. Sei que o exemplo que vou lhes dar agora é excessivamente grotesco e não dá conta da média de conhecimento e/ou desconhecimento que se tem sobre Freire na minha e em outras universidades; ainda assim creio que seja válido esse relato para que nos preocupemos e procuremos estudá-lo mais entre nós universitários.

No início de 2020, recebi uma mensagem por meio de uma rede social na qual um colega professor universitário falava isso e aquilo de Freire e Gramsci. O conteúdo da mensagem, certamente produzido pelo famigerado “gabinete do ódio” ou “milícia digital”, fenômeno tão propalado entre todos nós, infelizmente, era tão bizarro que, antes de ir para o combate direto, perguntei o que o colega que enviara tinha lido dos dois autores.

Ele não tinha lido nada, não conhecia a obra, óbvio. O colega era apenas um papagaio digital. Isso me intrigou imensamente. A ignorância do meu colega de universidade despertou em mim a necessidade de falar mais de Freire, de apresentá-lo para quem queira conhecê-lo — e para quem não queira também. A ignorância é um projeto político. O combate a ela é outro projeto político. Compreendi com esse episódio que a mecânica amplificada nas redes sociais de compartilhar automaticamente certos conteúdos nada mais é do que a reprodução daquilo que durante séculos tem ocorrido nas salas de aula de todos os níveis e que está, lamentavelmente, nas práticas de algumas lideranças populares. Fatos tão combatidos por Paulo Freire.

A partir desse fato compreendi que, além de apresentar Paulo Freire, mais e mais, precisava assumi-lo nos meus discursos e explicitá-lo na minha prática. Mais, a partir de então, passei a me apresentar não apenas como professor universitário. Agora, nas minhas redes sociais, nas palestras, conferências, debates, reivindico ser apresentado como professor universitário e como educador popular. Estou certo de que, para ser educador popular, não é preciso ser professor universitário, assim como estou certo que devo reclamar o distintivo prestigioso de educador popular.

Falta às universidades o rigor, a paixão e a esperança no povo como princípios fundamentais. Freire pode iluminar as práticas de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Quem conhece a obra de Freire sabe que ele tem fôlego para tudo isso. E muito mais.

Por fim, como o centro do livro *Pedagogia da Esperança* é a esperança — não como motivação ingênua e descolada de lutas, hoje, como há muito não se via tão drasticamente no Brasil —, é preciso perseverar. Devemos entender, como nos diz Freire, que “o sonho se faz uma necessidade, uma precisão”. Em tempos de pandemia, sabemos bem, continuar vivendo virou a maior de todas as nossas buscas. Estamos nos cuidan-

do e cuidando uns dos outros porque temos sonhos e acreditamos que dias melhores virão. Estamos lendo, estamos estudando, participando de diversas *lives*, assistindo filmes e séries porque estamos nos aprimorando para o dia seguinte a tudo isso. Em tempos de Bolsonaro, sonhamos porque buscamos um tempo novo. Celebramos os 60 anos do MEB e o centenário do nosso querido Paulo Freire porque temos compreensão do passado, porque valorizamos nossa história, nossas lutas, mas também porque acreditamos que daremos a volta por cima. Como bem diz a frase escolhida para a epígrafe desse texto: “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. Somos todas e todos resistência. Somos todas e todos sementes de mudança. Somos todas e todos sonhadores. Somos todas e todos seres de esperança. Somos todas e todos freirianos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.